

# Azarando a cultura de Brasília

## A Fundação Cultural e as limitações de uma cidade basicamente administrativa

SEVERINO FRANCISCO  
Da Editoria de Atualidades

A história da Fundação Cultural do Distrito Federal não tem a mínima diferença em relação a história do País nos últimos 20 anos: ou seja, é uma história de boicotes, mentiras, conchas de gabinete, ridicularias, incompetência cósmica tão escandalosa que vazam por todos os relatórios e reviram todas as letras dos slogans publicados com a grana do distinto contribuinte/otário. Uma equipe a serviço da cultura oficial durante mais de 20 anos. Em Brasília criou-se uma nova figura, a da burocrata, a cultura de relatórios, cenário, o desanimador cultural, formado em PhD em baixo-astro, doutorado em catatonia, curso de especialização em baixaria. Sua função: azarar, fazer com que nada desse certo, planejar a estratégia do esvaziamento. Vou até fazer três xôs aqui pra limpar o ar: xô! xô! e xô! Por razões profissionais e por um compromisso com a verdade mínima dos fatos é preciso refrescar um pouco a memória sobre a história da Fundação Cultural em sua relação com a história da cidade e do País.

As limitações de uma cidade basicamente administrativa, uma capital alegórica sem as contradições (explícitas) mínimas de qualquer moderno grande centro urbano, acabaram até mesmo deformando a relação dos produtores com a Fundação Cultural. Ela virou uma grande armadilha, a Grande Muralha da China da cultura brasiliense. Vamos a alguns fatos para estabelecer um possível quebra-cabeças da história da Fundação Cultural no momento em que a cidade ameaça deixar de ser mera inútil/absurda paisagem e se discute novamente a relação cidade/cultura/instituição em Brasília e em todo o País: "Trabalhávamos na Fundação Cultural abaixo da seguinte ordem: Brasília é uma cidade que precisa ser constantemente desaquecida. Tudo era semi-subjetivo, mas a ordem era do Ministro da Educação e Cultura Ney Braga". O depoimento de um ex-assessor da Fundação Cultural, entre 71 e 79, sintetiza toda a postura do poder dominante sobre Brasília. Tudo que existiu de importante foi cortado, ou melhor, "desaquecido"

ou simplesmente permaneceu nas entrelinhas, na terceira margem dos sentidos, sobrevoando na aura da cidade. Aconteceu isto com o cinema, o teatro, a música (os grupos de rock de Brasília tiveram de acontecer no Rio-São Paulo).

"O Conselho Deliberativo é um órgão de decisão político-cultural jurídica, agem democraticamente, mas sem demagogia ou paternalismo. (...) Seus membros foram escolhidos pelo poder constituído que é democrático. De resto, da Casa Branca ao Kremlin, todos os cargos públicos são providos pelo poder estabelecido". Carlos Mathias, atual diretor da Fundação Cultural, em entrevista ao JBr. 01.06.80).

O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro começou como Semana do Cinema Brasileiro, "atendendo a uma proposta de Paulo Emilio Salles Gomes, surgida como uma resposta a uma iniciativa governamental de se criar um festival internacional de Cinema no Rio. A idéia era realizar uma semana onde se projetasse o maior número de filmes brasileiros no Cine Brasília, trazendo pessoas ligadas ao cinema não só para divulgar os filmes mas também para participar dos encontros sobre os problemas do cinema, fazer reivindicações junto às autoridades".

Os primeiros Festivais se realizaram com grande repercussão na cidade. Entretanto, são progressivamente esvaziados. O Festival — como qualquer outra atividade da Fundação — explica o ex-assessor de Cinema Marco Antônio Guimarães, era realizado em épocas que dificultassem a participação das pessoas. "Isto era proposital, fazia parte da estratégia do desaquecimento". Na realidade, a decadência do Festival começa quando este passa a ser submetido às coordenadas do Conselho Deliberativo. "O Conselho queria aproveitar para fazer festinha e agradar as autoridades, era um tal de banda de música, passava para atrizes em sessão solene. O júri passa a ser constituído por autoridades e não por pessoas ligadas ao cinema". — comenta o professor e crítico Rogério da Costa Rodrigues, observador da vida cultural da cidade desde o seu início, em depoimento a este mesmo CORREIO.

(“Para as Instituições



Carlos Mathias

culturais, em Brasília, quem faz cinema é comunista, quem faz dança é bicha, quem faz teatro é prostituta e quem faz música é maconheiro. Depois dizem que eu é que sou palhaço só porque pinto a cara e dou cambalhota. Ary Parrarais ator/palhaço do Esquadrão da Vida e jornalista).

Na estrutura de poder da Fundação, o Conselho Deliberativo é o principal órgão de decisão; todos os projetos passam pelo seu crivo. Um ex-assessor da Fundação conta que, muitas vezes, o Conselho decide sobre a liberação de 20 mil cruzeiros para a compra de batidas e de pipoca: "A rigor, a estrutura do GDF devia ter um conselho administrativo e um conselho de cultura". Ferreira Gullar foi o autor do primeiro plano-piloto de cultura para Brasília. Ele trouxe como assessores pessoas competentes: Edino Krieger (música), Cláudio Melo e Souza (Teatro) e Barreto Borges (Literatura): Em linhas gerais o seu projeto: "Eu considere que a cidade era a junção do que havia de mais novo e de mais velho no Brasil — o urbanismo de Lúcio Costa e a arquitetura de Niemeyer de um lado, e do outro a cultura trazida com a mão-de-obra do nordestino, o pau-de-arara. A Fundação devia de um lado, trazer para Brasília o que havia de mais moderno e atual nos diferentes campos da cultura e por outro estimular em Brasília uma atividade de arte popular. Então esta arte de vanguarda seria trazida — não se poderia esperar que isso pudesse nascer em Brasília de repente".

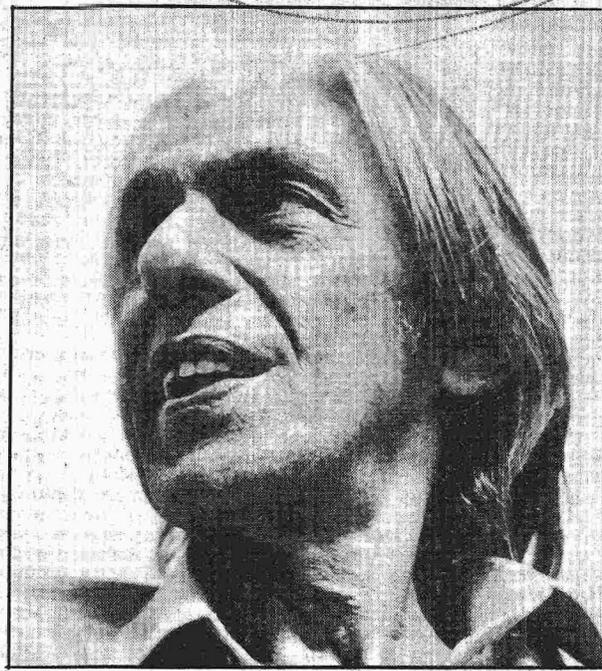
Com a renúncia de Jânio Quadros, o projeto de Gullar é interrompido abruptamente. Mesmo assim, ele trouxe a Brasília: o Teatro Arena de São Paulo, a Escola de samba da Mangueira, a Companhia de Jean Louis Barrault, exposições do Museu de Arte Moderna, mostras da Cinemateca de São Paulo — em colaboração com Paulo Emilio Sal-

les Gomes. Apesar do curto espaço de tempo que ocupou o cargo, Gullar é considerado pelos observadores da vida da cidade, o melhor diretor que a Fundação já teve: "A administração de Gullar foi muito boa. Tudo era feito com poucos recursos, mas com muita criatividade. Não era essa reparição imensa que é hoje. Eram apenas quatro pessoas com salários e o resto era gente de fora ajudando" — diz o jornalista e escritor Clovis Sena.

"A verdadeira obra de arte é o corpo infinito do homem que se move através das incríveis mutações da existência particular". Felix Guattari, em "Pulsões Políticas do Desejo".

O projeto de Gullar está mais ou menos codificado no primeiro estatuto da Fundação Cultural. O artigo 16 diz: "A Superintendência de Cultura dirigida por um superintendente de cultura, tem por finalidade precípua, utilizando atividades artísticas e científicas da FCDF intervir no quadro da realidade social para provocar mudanças culturais recomendáveis". Veio o golpe de 64. Em 66, a Fundação passa por uma reestruturação, quando se suprime dos seus estatutos coisas como a necessidade de esclarecer "a opinião pública das vantagens da maior afirmação do País no setor cultural, artístico e científico".

Desapareceu também dos estatutos subsequentes, a atribuição de realizar o "Festival de Brasília" (uma idéia de Gullar) promoção que reuniria todos os tipos de manifestação cultural da cidade "como acontecimento máximo da vida artística da Capital da República". No lugar do "Festival de Brasília" a Fundação passou a realizar o "Festival de Brasília do Cinema Brasileiro" e acoplou-o "como máximo acontecimento...". Eis alguns pontos do estatuto/projeto de Gullar: "Artigo 20: Compete à Divisão de Letras e Artes: a) promover a Bienal de Brasília; b) organizar a Feira Per-



Ferreira Gullar

manente de Arte Popular bem como o Núcleo do futuro Museu de Arte Brasileira; c) organizar e manter a Pinacoteca da FCDF; d) ministrar cursos de iniciação artística, visando por meio de processos educativos, ao aproveitamento de vocações artísticas; e) manter um Centro de Estudos Cinematográficos e correlatos; f) organizar e manter discotecas públicas, permanentes e itinerantes; g) organizar e manter cursos de literatura; h) promover festivais de cinema profissional e amador".

("De passagem, registre-se que este é o primeiro plano de cultura de toda a história do Distrito Federal). Da entrevista de Carlos Mathias, atual diretor da FCDF ao "CORREIO" (29.11.81) referindo-se ao Plano Integrado de Educação e Cultura, elaborado pela FCDF e pela Fundação Educacional. "Eu não concebo uma cultura local, nem municipal, nem federal. Há que se considerar a cultura em sua dimensão antropológica (...). Desde que corresponda a aspiração de um segmento da população, a Fundação Cultural promoverá até Silvio Santos, não temos preconceitos desta ordem". (JBr. 01.06.80).

O estatuto/projeto continua: i) auxiliar na implantação do cineclubismo; j) manter a Bienal de Música de Brasília; l) levar a efeito espetáculos e certames de música folclórica e regional; m) promover palestras, encontros, cursos, conferências, seminários, congressos, concursos e demais certames artísticos e literários; n) produzir programas de rádio, televisão e imprensa periódica; o) promover espetáculos teatrais de expressão cultural; p) instituir uma Escola de Teatro; q) instituir o Museu do Teatro; r) conceder bolsas de estudo. Um aspecto destacado pela passagem de Gullar por Brasília é o seu compromisso cotidiano/político com a cidade. Nunca mais a Fundação teve um diretor que brigasse. O próprio Gullar conta um

episódio significativo em depoimento: "O Cine Cultural foi arrendado, a Fundação fez um convênio com a Empresa Sá Pinto. Inclusive eu batalhei com o cara da empresa sobre o problema da porcentagem que caberia à Fundação. Ele queria pagar o mínimo possível. Eu briguei com ele até meia-noite insistindo em que a porcentagem oferecida por ele não convinha a Fundação. Foi uma briga braba. Ele tirava do bolso o retrato da filha do Jânio Quadros, retrato dele próprio ao lado do Jânio Quadros. Então eu dizia para ele: "Você vai e diz pro Jânio mudar o estatuto da Fundação Cultural, pois enquanto eu for diretor quem vai decidir sou eu".

("Eu não polemizo. Polêmica é coisa dos tempos de ontem. Tarefa para desocupados". Carlos Mathias, em entrevista ao CORREIO, em 29.11.81).

Logo após o reverterio de 64, a Fundação conheceu um período de estagnação total. Na época, Edison Tolentino é convidado para cuidar da parte administrativa da Fundação e o professor Alcides da Rocha Miranda — considerado pessoa da maior sensibilidade e competência intelectual — fica com a Superintendência de cultura. Acontece que o Tolentino era cunhado de Tancredo Neves, tinha poder político e acabou invertendo a pirâmide: os meios ganharam mais importância do que os fins, a administração era mais importante do que a cultura. Alcides não resistiu às pressões e saiu. Em seguida, ocuparam o cargo: Inezil Pena Marinho, Almeida Fischer (que criou a então "Semana de Escritores", hoje "Encontro dos Escritores"), Célio Silva, Arthur Hening (este um capitão da Marinha que ocupou o cargo de 66 a 71), Rosalvo Santos (de 71 a 73), Ruy Pereira (de 73 a 80) e Carlos Mathias, desta data até hoje: "Depois de Gullar, tivemos comandantes de marinha, técnicos a vapor, burocratas, carreiristas — Brasília atrai muito este tipo de gente — sem qualquer proposta cultural para a cidade, preocupadíssimos em agradar aos Secretários de Educação que por sua vez estão preocupadíssimos em agradar aos governadores. A cidade fica olhando tudo e sobra nesta dança. São carreiristas — tanto poderiam estar na Fundação Cultural quanto nos supermercados Jumbo ou Carrefour, conquanto fizessem bem à promoção" — comenta um observador da vida da cidade.